



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

## O PERFIL DA SEXUALIDADE DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAICÓ/RN

Vanize Pereira de Medeiros (1); Ana Karla Dantas de Medeiros (2); Amanda Pereira Franco(3).

*E.E.Prof. Calpúrnia Caldas de Amorim  
Centro Educacional José Augusto*

[vanizemedeiros@gmail.com](mailto:vanizemedeiros@gmail.com) (1); [karlinhabiologa@yahoo.com.br](mailto:karlinhabiologa@yahoo.com.br)(2); [amandapfranco@gmail.com](mailto:amandapfranco@gmail.com)(3).

### Introdução

No Brasil, assim como em outros países, houve um aumento absurdo dos casos de Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) entre os jovens nos últimos anos. Neste sentido, estamos indo na contramão da história. O aumento é de mais de 50% nesses seis últimos anos. O principal motivo é o comportamento sexual dos jovens. Eles acham que ninguém mais morre de Aids hoje, e que se pegar o vírus é só tomar o remédio que acabou e que está tudo bem. Na última década, 34 mil jovens contraíram o vírus. Em apenas um deslize, uma única vez sem preservativo para se infectar.

Apesar de todos estes dados e informações, o tema “sexualidade” ainda tem sido visto, muitas vezes, como tabu, não mais pelos adolescentes que adoram falar sobre o assunto, mas pelas instituições e principalmente pelos pais como algo que não precisa ser comentado para não despertar o interesse pelos adolescentes. Porém, diante da realidade atual, observa-se que a desinformação só tem contribuído para o aumento do índice de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), AIDS, gravidez nesta faixa etária e experiências psicosssexuais prematuras as quais podem acarretar prejuízos no desenvolvimento psicológico.

A sexualidade pode ser definida como uma forma de expressão dos afetos, uma maneira de cada indivíduo descobrir-se e de descobrir o outro. A sexualidade engloba a identidade sexual (masculina e feminina), os afetos e a autoestima, as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida, além do conhecimento anatômico e fisiológico do homem e da mulher, a higiene sexual, a gravidez, a maternidade e a paternidade, métodos anticoncepcionais, DSTs (VENDRAMIN, 2008).

Em decorrência disto, a educação sexual passou a ser prevista como um dos temas transversais a serem incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em todas as áreas do conhecimento – do ensino fundamental ao ensino médio.

O presente trabalho apresenta o perfil da sexualidade do jovem estudante do ensino médio da cidade de Caicó/RN, com o propósito dos docentes que trabalham com esta área, assim os



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

conhecendo, possam construir e exercer de forma mais efetiva, ações educativas que consigam promover a saúde sexual e reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes às DST's, à infecção pelo HIV, e à gravidez não planejada, além de formar cidadãos que sejam capazes de formar e informar outros jovens sobre a importância em trabalhar esta temática constantemente.

### Metodologia

Este projeto teve como principal método a aplicação de questionários com os alunos do ensino médio das escolas públicas do município de Caicó/RN, a partir de perguntas abertas e fechadas, caracterizando um questionário com levantamento de dados quantitativos e qualitativos sobre seus conhecimentos sobre sua saúde sexual, traçando assim um perfil destes adolescentes. Foram aplicados 408 questionários representando 25% do número de alunos matriculados nas escolas públicas de ensino médio da cidade. A faixa etária varia dos 12 aos 36 anos de idade com alunos frequentando do 1 ao 3 ano, estando matriculados nos três turnos, todos os participantes foram esclarecidos do que se tratava o projeto e responderam de livre e espontânea vontade.

### Resultados e Discussão

Do total de alunos que responderam os questionários, 220 eram do sexo masculino e 188 do sexo feminino, representados em porcentagem pelo gráfico 1. Os mesmos estão distribuídos pela faixa etária como representado no gráfico 2. Os alunos questionados são representados em 75% por alunos que apenas estudam e 25% por alunos trabalhadores nas mais diversas áreas.



Gráfico 1: Distribuição de alunos por sexo

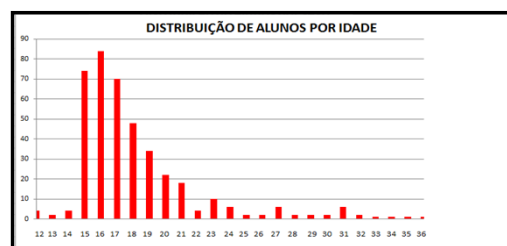


Gráfico 2: Número de alunos x idade.

Dos 230 alunos, 56% tem vida sexual ativa como mostra o gráfico 3, e iniciaram essa vida sexual de acordo com a distribuição apresentada no gráfico 4. Cerca de 99% deles responderam que conhecem a camisinha masculina e apenas 60% conhecem a camisinha feminina, sendo que destes, 91% já usaram a camisinha masculina, 1% usou a camisinha feminina, 7% não usou nenhuma e 1% já usou as duas, os que relatam não conhecerem a camisinha feminina, alegam ser de difícil acesso. Os que nunca usaram ou não usam em todas as relações sexuais a camisinha



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

masculina dizem não usam porque incomoda ou porque simplesmente não gostam, alguns descrevem não ter dinheiro para comprar e ter vergonha de pegar no posto de saúde por a família não saber que já tem vida sexual ativa. No gráfico 5 podemos ver a distribuição da porcentagem de vezes em que os alunos relatam usar o preservativo.

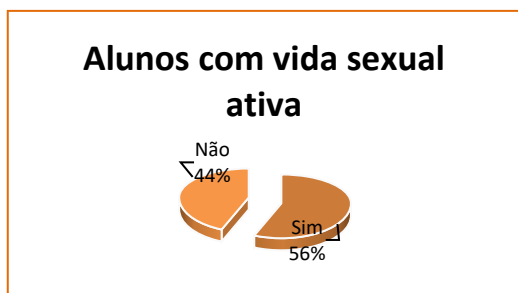


Gráfico 3: Distribuição de alunos com vida sexual ativa.

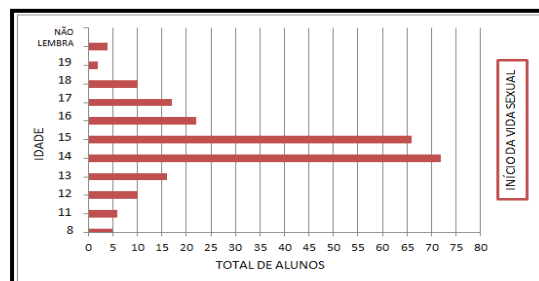


Gráfico 4: Idade que os alunos iniciam sua vida sexual ativa

O gráfico 4 deixa claro que nossos alunos estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, os dados demonstram que por volta de 13, 14 e 15 anos esses alunos apresentam os picos do início da vida sexual ativa, nesta idade nossos alunos ainda são muito imaturos e despreparados psicologicamente e financeiramente, o que enfatiza mais ainda a importância de uma intervenção precoce, este dado na verdade é alarmante e precisam de medidas interventivas urgentemente.

Apesar de 99% dos alunos conhecerem a camisinha masculina, ainda é muito grande o índice de relações sexuais em que eles não utilizam o preservativo, os dados apresentados no gráfico 5 só confirmam o nível de vulnerabilidade, nossos jovens deveriam se prevenir em 100% nestas relações, eles precisam ser sensibilizados e tomar consciência que para estes dados mudarem só depende da atitude individual de cada um, daí a importância deste diagnóstico. Dos Homossexuais que responderam o questionário, 60% deles afirmaram não usar o preservativo em suas relações sexuais, pela insegurança em perder o parceiro. Precisamos melhorar a autoestima destes jovens, por confiar no parceiro, ou por achar que seu uso tira o prazer/incomoda.

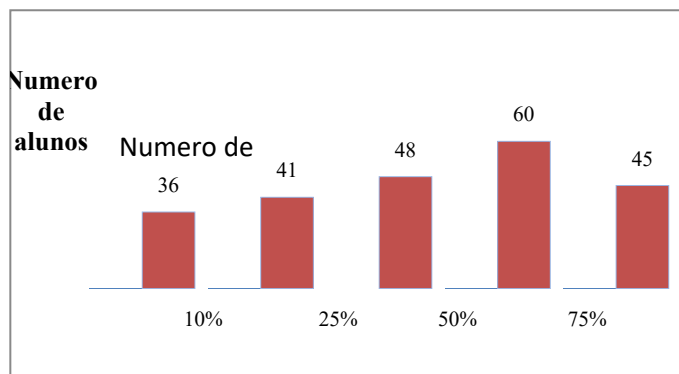


Gráfico 5 : Do total das relações sexuais em quantos % delas o aluno usou o preservativo.

Sobre quantos destes alunos haviam feito algum tipo de exame para investigar a presença de DSTs, 82% afirmaram nunca ter buscado uma unidade de saúde para investigar a presença destas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

doenças, por vergonha, preferem buscar amigos mais velhos, dos 18% que afirmaram ter feito algum exame, 22% confirmaram já terem contraído DSTs, quando perguntado sobre o teste para Aids 17% dos sexualmente ativos fizeram o teste. Dos alunos entrevistados 15% relataram terem filhos, sendo que apenas em 10% dos casos foram planejados, 5% estavam grávidas e 10% já realizaram abortos, informações preocupantes diante dos riscos que estes adolescentes correm ao engravidar ou a realizarem abortos clandestinos.

### Conclusão

A análise destes dados demonstra que existe um quadro crítico entre os jovens da nossa cidade quanto as questões da sexualidade, mas que é também o espelho de dados já apresentados no nosso país, temos observado que este é uma característica que se reafirma sempre a cada levantamento realizado, é notável que precisamos envolver cada vez mais nossos alunos no estudo das DSTs e da gravidez na adolescência, tornando-os vetores disseminadores de informação.

Trabalhar a autoestima e valorização do próprio corpo faz parte das metas a serem alcançadas para tentar mudar esta vertente apresentada, precisamos formar agentes multiplicadores, informações como estas precisam ser divulgadas nas mídias e ganhar dimensões pandêmicas, o trabalho articulado entre os profissionais da saúde e educação versus família para esclarecimento dos jovens precisam ser intensificados.

### Referências

BRASIL ESCOLA. **Educação sexual**. 2010. Disponível em: <[http://: www.brasilecola.com.br](http://www.brasilecola.com.br)>. Acesso em: 05/09/2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids. Manual do multiplicador: adolescente**. Brasília, 2003.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. **Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. Texto e Contexto – Enfermagem**. vol.19, n.2, p. 351 – 357, abr/jun, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V., **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, n.1, v.44, p. 1-9, 2010.

VENDRAMIN, Joel Marcos. **Sexualidade na escola: amor, esperança e vida**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1649-8.pdf> Acesso em 22 de fevereiro de 2014.